



responder, que para esclarecer o patusco, porque ordinariamente, sabe-se alguma cousa, e responder-se nada = nada que eu saiba.

A resposta nem sempre é a favor do que responde, ou do que pergunta, por que os pensamentos tambem nem sempre são iguaes. Se a pergunta é feita a um Alferes, que na semana passada era sargento; é = isto vai perfeitamente bem, e o Marechal tem feito assim e assado, etc. etc. = Se fór a um Tenente graduado, já não é a mesma. = Isto podia ir melhor, ainda se está muito atrazado = Se é a um Capitão que não sahio Major = Estamos no tempo das injustiças. = Se é a um progressista = Vai indo, veremos o 52. = Se é a um Cabralista = Isto é um cáhaos, não ha justiça, não ha moral, a honestidade voou, o credito está!..... dentro de uma alcofa, isto é infame, mas atraz de tempo, tempo vem. = Se é a um empregado publico = Eu não sei; o dinheiro vai apparecendo, e no tempo do Cabral, que haviam tantas companhias monstros de monstros, caixas economicas, obras publicas, e estradas, mas tudo de papel cartucho, não chegava o metal a nossas mãos, creio que fariam caminhos, não de ferro mas de prata e ouro, para celebrar o nome do inventor; não faltavam notas, de prata, de cobre, de ouro, mas no fim só eram notas de papel, e de ladrões, agora isto está muito melhor, etc. etc. = Se é feita a um agiota!!!! Oh! com 600 milheiros de pares de gafanhotos! antes de responderem vão ao ar 75 vezes, e mais alto que um foguete, emitam o José Serrate nos saltos trampolim, e mortáes, e parodiam o agente do Doende, isto em compasso quadernario; depois dão estalinhos com os dedos, deitam a lingua de fóra esbogalham os olhos, vivão, assobiam a polka, e meia hora depois dando ao pulmão a força de 800 cavallos respondem = Está tudo perdido!!!! Não se ganha vintem! A' excepção do Conde do Tojal, ninguem vende papeis, porque os não tem; e é tal a desgraça e pouca vergonha que os marotos dos empregados publicos que trabalham, teem que apparecer decentes nas repartições e teem mulheres e filhos a sustentarem, dam-lhes dinheiro no fim do mez; e a nós que estamos cheios como tonéis, (antes de o

costume muito antigo, quando se encontram duas pessoas conhecidas perguntarem = Eutão que ha de novo? E a resposta é quasi sempre (quando não ha extraordinarias novidades) machinal, sem sabor; é mais para

Marcos os vér) que somos uns mandriões chapados, que queremos ser janotas á custa das lagrimas alheias, que queremos ir a Carri he, a Cintra, ao Dáfundo, aos theatros; que com meia duzia de moedas ganhámos tantos centos d'ellas; finalmente que somos soberbos, mal creados, cabralistas puros, e caritativos a tal ponto, que no verão de 1849, e outros, simplesmente por espirito caritativo tirámos de cima da pelle dos esquentados servidores do estado, a camisa com que elles não podiam pelo excessivo calor, etc. etc., não nos dão occasião de virem de chapéo na mão pedir-nos o obsequio de os esfollarmos muito á nossa vontade!!! Isto é cumulo da immoralidade, e assim, e sem amor não se vive (dizia o papa fina)!

O Burlesco sente mui sinceramente estes infortunios, e para lhes refrigerar os seus assiduos padecimentos, conta-lhe uma historia, de que elles já devem ter noticia, e que vem no folhetim da *Revolução de Setembro* de 11 de Outubro do corrente, é a seguinte:

«Era uma vez uma leiteira de Coimbra, que baptisava o seu leite de um modo «incrível. Quando via a bilha meio vasia «ia enchê-la com agua do rio, e isto re- «petidas vezes: no fim era muito mais «agua do que leite, que vendia aos seus «desgraçados freguezes. Aconteceu com- «prar um chapéo novo, e quando vinha «de volta, uma rajada de vento lançou- «lh'o no Mondego, e ella viu-o tristemente «fugir na impetuosa corrente do rio. A «final consolou-se com esta frase = Seja «feita á vontade do Senhor, a agua o dá, «a agua o leva!»

Isto é um refrigerio. Mr. de La Fontaine tambem nos dá licença para lhe recitarmos a fabula da cigarra com a formiga; mas para não os cançarmos com uma cousa que todos sabem, dir-lhe-emos sómente o final:

Formiga — Que fazieis no tempo quente?

Cigarra — Cantava.

Formiga — Dançai agora.

E' o verdadeiro, dançai, cantai, e tocai marimbas, clarinete, fagote, realejo, e violoncello; fazei bonecos para vender ás capellistas, moinhos de papel, estallos, thronos de Santo Antonio, presepios bonitos, cabacinhas de cheiro, papagaios e caixinhas de fosforos.

Isto é licito, recreativo e rendoso. Estaes gordos como potes, e os que se aproveitaram n'aquelle tempo, em que a fortuna (para elles já se sabe) andava aos pontapés, caçoam e fazem caretas aos que julgando que a duração de um caleche era eterna, fanfarronaram a seu gosto, e hoje tocam berimbau!

O' tempore, ó mores!  
O' tempo das ladroceiras!

O que lá vai, lá vai; se se livrarem d'esta, não se mettam em outra.



Estamos authorisados a declarar, que por uma coincidência célebre, por uma infelicidade irreparavel, por uma desgraça atroz, por castigo de nossos peccados, e por obra de todos os diabos, o sr. Antonio, o sr. José e o sr. João, nenhuns d'elles era ultimamente embaixador em Tanger, porque se felizmente o fossem, querriamos ter o gosto de commandar uma esquadra para obrigarmos os Tangerinos a darem-nos a pelle do que nos pertencesse para forrarmos um bahú!

Em Tanger é que nós querriamos vér rodar um caleche, deitar uns foguetes, e cahir um badallo!!!....



Consta nos com toda a certeza, que José dissera ha dias a uma mulher que lhe vai lavar as casas, (não é a Bernarda) que não sabia, nem podia comprehender o motivo porque o Burlesco é tão seu inimigo. Ora como

a mulher é casada com o enteado do sobrinho do compadre do irmão do nosso aguadeiro, veio-nos contar isto, e nós para que ella lhe respondesse, dissemos-lhe que = não temos nenhuma inimizade com José, nunca nos fez mal, somos muito seus amigos; mas por cousas que nós cá é que sabemos, desejavamos vê-lo a limpar chaminés, a guiar uma carroça de lixo, a vender pastellinhos de Santa Clara, a distribuir o *Gratis*, a pregar cartazes de theatros, a ser comparsa, a ir no bando dos arlequins, a vender cautellas, a negociar em pintasilgos, a accender e apagar o gaz, a dar serventia a pedreiros, a moer canella e café, a pedir senhas, a segurar cavallos, a correr atraz de jumentos em Cacilhas; finalmente ajudar a imprimir a caricatura do Burlesco, ou outro qualquer emprego licito, que ape-



zar de ser pouco reudoso é mais decente que engraxar conegos, vinagreiros etc. Já vê que lhe não queremos mal.



CHARADAS A VEDIGAL.

- Pergunta — Em que se parece a Lei com um realejo?  
 Resposta — Em não tocar senão as peças, que o dono lhe manda pôr no celindro.  
 P. — Em que se parece o José com um limpa chaminéz?  
 R. — Em fazer obra de limpeza, e com ella sujar a sua cara.  
 P. — Em que se parece o Botelho com um quarto de camoezas?

- R. — Em se vender como elles.  
 P. — Em que se parece um gato com uma gata.  
 R. — No mesmo em que José se parece com a Bernarda.

# ANNUNCIOS

Temos em S. Carlos a opera I Masnadieri — Muzica de Verdi, palavras, e pensamentos de José, o primeiro author de todo que diz respeito a Masnadieri,

**PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.**  
 Vai brevemente sabir á luz — O Testamento que o José dos Conegos fez á hora da morte. — Off-reido e dedicado aos Pobres no Porto, p-lo Mouro M. J. Botelho, 2 volumes em 4.º francez, impressos no melhor papel pardo, compostos em bom typo usado. Recomendamos esta preciosa publicação por ser de summo interesse, para todos os mouros verem os legados que o José lhe deixou, pois que nenhum ficou sem ser contemplado conforme os seus merecimentos.

Responsavel — M. de J. Coelho  
 Lisboa — Off. de Manoel de Jesus Coelho  
 Rua do Poço dos Negros n.º 54.

UM AGIOTA PREZENTEMENTE,  
 UM AGIOTA NO TEMPO DO CALECHE



Lith. R. da Esp. N.º 60